

- dosagens afetivas: uma revisão sobre as evidências. American Journal of Psychiatry, (112): 509 - 22, 1965.
- SECUNDA, et al. Os distúrbios depressivos: relatório. s.l. Instituto Nacional de Saúde Mental, 1974. (apud. BECK, 1973, p. 15).
- SELIGMAN, M.E.P. Desamparo (sobre depressão, desenvolvimento e morte) São Paulo, Hucitec, Edusp, 1977.
- SELIGMAN, M.E.P. & MAYER, S.F. Procedimento para evitar um choque traumático. Journal of Experimental Psychology, (74): 1 - 9, 1967.
- SHAPIRO, A.K. & MORRIS, L.A. Efeito placebo em terapias médicas. In: GARFIELD, S.L. & BERGIN, E. A. Manual de psicoterapia e modificação de comportamento: uma análise empírica. 2.ed. New York, Wiley, 1978.
- SKINNER, B.F. O comportamento dos organismos. - Nova York, Appleton Century Crofts, 1938.
- WEISS, J.M. Efeitos da resposta cópia no stress. Journal of Comparative and Physiological Psychology, (65): 251 - 60, 1968.
- WOLPE, J. & FODOR, I. Um enfoque cognitivo-comportamental para modificação do comportamento assertivo em mulheres. The Counseling Psychologist, (5): 45 - 52, 1975.
- PAYNE, R. W. Anormalidades cognitivas. In: MANUAL DE Psicologia Anormal. New York, Basic, 1961.
- RIMM, D. C. & MASTERS, J. C. Terapia comportamental. 2a. ed. São Paulo, Manole, 1983.
- SCHILDKRANT, J. J. A hipótese das catecolaminas nas

Pathognostik: Um Encontro entre Filosofia e Psicanálise

Vera TOMAZ

Profa. Assistente do Departamento de Psicologia Clínica da UFPA. Pós-graduada em Filosofia Universidade de Dusseldorf, República Federal da Alemanha.

Estranho título este: Pathognostik! E qual a forma de se iniciar a apresentação desta produção que vem se desenvolvendo na Alemanha com uma linguagem "hermética" que constitui a sua marca enquanto produção filosófica?

Esta não é a primeira tentativa que faço de expor o pensamento pathognostico no Brasil. Outras já foram feitas tendo inclusive uma revista brasileira recusado sua publicação sob a alegação de que "a língua portuguesa se mostra incompreensível". De acordo. E assim fica iniciada a apresentação do Pathognostik: uma prática de pensar "incompreensível" (inclusive na língua em que é concebido).

Não pretendo, e muito menos conseguiria, transpor para o português o pensamento pathognostico de forma clara e inteligível. E se pensasse ter conseguido, o resultado estaria longe de ser reconhecido como Pathognostik. Pretendo falar sobre e isto significa não escrever (produzir) pathognosticamente. Mas o beco é sem saída pois corre-se o risco de ao invés de se ter a apresentação da coisa-pathognostik ter-se somente a sua "representação" e ao fim ter-se a sensação de que tudo o que foi escrito é completa e exatamente outra coisa, sem no entanto ser necessariamente falso.

Com esta colocação me aproximo do -a grosso modo mas em última instância- assim conhecido jargão científico: "a realidade não nos é de todo conhecida. O que a ciência pretende é cada vez mais se aproximar desta realidade". Isto é, a pesquisa empírica formu-

la hipóteses e teorias acerca da objetividade com que trabalha e mesmo sabendo que estas hipóteses e teorias não sejam necessariamente falsas, sabe-se também que elas podem não ser exatamente assim.

É com este modelo, em última instância, platônico que a produção patognostica não se conforma. "Pathognostik é o título de uma determinada concepção da doença e a partir desta concepção uma determinada forma de acesso a ela. Não se trata (apenas) de uma denominação tal que possa produzir embaraços ou confusão. Trata-se de uma denominação tal que deva fazer visível a exigência de uma renovação tanto conceptual quanto de procedimento."¹ (grifo meu).

Penetrar no pensamento patognostico é realmente osso duro de roer e se roído de difícil digestão. Não porque ele almeje o preciosismo intelectual, mas porque ele almeje o precioso, mas porque a tessitura de seu discurso é a própria tentativa de trazer à "Pala" o discurso sobre-posto, metaforizado (no sentido laciano) da inconscientização. É em meio a racionalidade que o Pathognostik se movimenta investigando a lógica de sua produção. Ele é a tentativa de ser congecial às coisas e suas condições de produção.

Atuar contra a inconscientização produzida através do discurso lógico, tautologizado (quanto segredo por trás da afirmação tautológica: uma ponte é uma ponte!) não é ambição da filosofia ocidental, instituída e fiel à racionalidade. Atuar contra a inconscientização é, no entanto, para o Pathognostik, a marca da produção fantasma da doença. Segundo o pensamento patognostico, a inconscientização torna esquecido o contexto de violência, sacrifício e culpeado nas relações de produção. Mas o "retorno pa contido nas relações de produção. Mas o "retorno do reprimido" não pode produzir outra coisa do que a objetividade concreta cuja violência é extremada na forma de armamento de guerra. Trata-se de impedir a

1 HEINZ, R. Was ist Patho-gnostik? *Kaum*, 1 : 15, 1984.

re-inscrição das relações de culpa no subjetivo que no objetivo, por sua vez, se produz como violência; justamente dissolver este amaranhamento subjetivo que também se detém na doença, para tornar legível o sintoma como condensação recorporalizada da objetividade bem como tornar legível o conhecimento sobre as relações das coisas."²

A produção patognostica vira ao avesso o entendimento normal, sua lógica argumentativa; por isso sua linguagem soa tão "atravessada". Ela revela o irracionalismo incrementado e saindo por todos os poros da própria Razão e por isso mesmo esta produção soa tão "irracional". Os textos patognosticos não escapam de serem também aprisionados aos ditames do discurso racional, lógico, porém são tentativas de dar forma à violência de tal discurso, são tentativas de torná-lo decifrável.

Rompendo (e também criticando) com a questão da Psicanálise e Hermeneutica tradicional (o que significa isto?), coloca em seu lugar as questões: como é isto, como se chega a isto e o que é isto.³

Situando melhor o Pathognostik: este é uma crítica da Psicanálise tradicional sem poder ou querer ser sua alternativa. E é exatamente a impossibilidade da produção de uma alternativa positiva que marca o núcleo do pensamento filosófico desta concepção. À rigor, o Pathognostik é o efeito do encontro entre Psi

2 WEISMÖLLER, G. Die Angst des Schreibens vom Lesen. *Kaum*, 1 : 22, 1984.

3 Entre alguns dos escritos de R. Heinz que prepararam e embasaram o caminho para o Pathognostik, encontram-se as seguintes publicações: HEINZ, R. *Jaumei und Totenstarre: Vorlesungen zur Philosophie und Ökonomie*. Münster, tende Verlag, 1981; HEINZ, R. *Psychoanalyse und Kantianismus*. Würzburg, Künigshausen/Neumann, 1981; HEINZ, R. *Minor aesthetica*. Frankfurt am Main, tende Verlag, 1985.

canalise e Filosofia. Tomando lugar neste interim, neste espaço da diferença entre uma outra, ele reflete a impossibilidade de se abandonar as fronteiras da ratio ocidental que, fechando-se em si mesma, ao mesmo tempo produz sua negação e com isso pressupõe, a priori, a violência e a prática da violência, tanto faz de que lado a pessoa se coloca. Este círculo vicioso não exclui a possibilidade de que ele possa ser comunicável: que a objetividade de sua produção seja questionada em suas origens. Tal avanço não pode, contudo, ser levado adiante sem a esperança de se romper este círculo, pois como viver um pensamento que torna consciente esta relação de violência, e que é o pressuposto de sua produção? Parte-se junto com o "doente" que comunica tal conscientização e na verdade, no sentido desta conscientização se registrar como sintoma.⁴

Patognosticamente falando, a doença não é o pressuposto necessário de um processo de individuação que avança com a superação da doença, ao contrário, é a "tentativa de defesa do que resta de individualidade" que diante dos fatos da objetividade tautologizada representa justamente uma tentativa de dela se retirar. Doença é a exigência impossível querer destruir e ao mesmo tempo querer respeitar a vida interna do objeto. Doença, portanto, por um lado um esforço de se recusar à maquinaria da guerra, por outro lado a desesperança de precisar se subordinar ao recusado. Assim o dito "doente" é colocado muito mais próximo da objetividade inconscientizada do que o dito "normal"⁵

4 BEHRENDT, G. Von der Unmöglichkeit der Pathognostik. *Kaum*, 1 : 24-25, 1984.

5 WITIGENS, W. Zum pathognostischen Krankheitsbegriff. *Kaum*, 1 : 18, 1984.

Um confronto patognostico com a doença considera esta como expressão maior do saber do doente, o sintoma como espelhamento do macro-inconsciente mesmo que este saber seja apenas um (pré) conhecimento da objetividade. Em todo caso, uma revelação que é fechada ao "normal". É exatamente a problemática desta premissa que marca as fronteiras entre Filosofia e Psicanálise. Por um lado, o sintoma parece ser, da mesma maneira que suas implicações na objetividade, uma forma de fechamento que, como o trabalho patognostico tem mostrado, é relativamente fácil de se desvendar. Isto é sugerido através do acometimento (à "doença") que bloqueia o acesso do doente ao seu próprio (pré) conhecimento. Por outro lado, trata-se também de uma produção, na constituição de um sintoma que, da mesma maneira que a produção filosófica ou artística, se desvia da produção da objetividade tautológica à qual o sintoma criticamente se refere. Não pode ser mais o caso repelir esta produção, inconscientizar esta comunicação nela contida, como o empreende a Psicanálise tradicional com suas normas de normalidade até-onde-não-dá-mais.⁶

De uma forma um tanto simplificada, a principal diferença entre o Pathognostik e a Psicanálise tradicional pode ser assim esquematizada: no estado normal a relação Sujeito-Objeto se dá numa relação de consumo (S - O) estado normal. No estado patológico há uma perturbação nesta relação ((S + O) estado doente). Neste último caso, onde o consumo é bloqueado, a Psicanálise vai encarar o problema através do sujeito (S) da relação, pois é ele quem não pode mais consumir o objeto. O sujeito, neste contexto, é isolado fazendo-se a reconstrução de sua história de vida familiar para se buscar a perturbação (causa última) responsável por tal bloqueio. É neste ponto que se dá a diferença incisiva entre o Pathognostik e a Psicanálise tradicional. O Pathognostik vai bus-

6 BEHRENDT, op. cit.

car (também junto com o doente) o explicitamento dos fundamentos dentro da própria produção (objeto), ou seja, a revelação continua na coisa mesma.

INFLUÊNCIAS.

Para esta reorientação, "gnose da objetividade", por assim dizer, mostrou-se de grande ajuda a releitura da teoria freudiana do instituto de morte, bem como a versão psicanalítica de Melanie Klein e Heinz Kohut (teoria do narcisismo). Mas a despedida definitiva do subjetivismo tradicional só foi possível e embasada através do estruturalismo e pós-estruturalismo francês.⁷ De qualquer maneira os trabalhos de Rodolf Heinz se originaram e se desenvolvem independentemente deles. A especial afinidade de seu modo de pensar com a tendência filosófica pós-estruturalista pode ser assim formulada: "a selvageria"... (este termo é utilizado no sentido do Pensamento Selvagem de Levi-Strauss)... "desta exuberante tendência filosófica baseia-se sempre nos seus potenciais genealógicos da racionalidade; a prova é que o Iluminismo totalizado entende toda heterogeneidade para absorver e em si liberar - na Morte como delírio da própria razão. Importa então apenas saber se esta potência da ratio filosófica deveria ser reforçada ou rejeitada."⁸

Como representantes do estruturalismo encontram-se "clássicos" como: Levi-Strauss, Althusser, Barthes, Lacan. Representantes do pós-estruturalismo seriam: Deleuze, Guattari, Lyotard, Luce Irigaray, Bau-

7 HEINZ, R. Was ist Patho - gnostik? *Kaum*, 1: 11, 1984.

8 HEINZ, R. Das "Wilde Denken" Heidegger im Dank-Wildheitsvergleich mit Levi-Strauss, de Herkömmlichen Psychoanalyse, und auch der Anti-Psychiatrie. *Philosophische Jahrbuch*, 1. Halbband, 1985. p. 136.

drillard. Autores como Foucault e Derrida, por exemplo, não se encaixariam tão claramente nesta divisão.⁹

PATHOGNOSTIK vs. PSICANÁLISE

As diferenças incisivas em relação à Psicanálise tradicional podem ser assim formuladas: não se trata, apenas, de buscar a gênese biográfica da doença no contexto da transferência. Ao contrário, trata-se unicamente da utilização ("lógica da usurpação") da relação interna do sintoma com o aspecto da objetividade concreta que é comunicada pelo próprio sintoma. Isto é realizado através de um discurso esclarecedor. A história de vida, no sentido dos elementos infantis envolvidos na problemática da doença, pode ser tomada como forma de esclarecimento complementar, porém não sob a exigência circular de busca da causa última da doença e sua resolução.

Com esta transformação não se perdeu nada do estado atual do conhecimento psicanalítico. Este, ao contrário, retorna como objetividade transformada, des-subjetivada, categorialmente purificado e pela primeira vez como congenialmente violento. Segundo o Pathognostik, o procedimento imanente da transferência apenas reforça o caráter de duplo-vínculo em relação à chamada do inconsciente: este é convocado a se expor para ser castigado na medida que se coloca no subjetivo o que é da objetividade. Como se este já não fosse, há muito, o critério interno da própria doença!

As diferenças entre Pathognostik e Psicanálise tradicional podem ser melhor esclarecidas através das fobias. Por exemplo, uma fobia a pontas que é toda com frequência no pensamento de R. Heinz, que também é psicanalista. A Psicanálise entende que o

9 Id. *ibid.*

indivíduo fóbico a ponte atribui um significado complementar a ela. Este significado, datando dele mesmo (de sua história de vida), faz desse objeto um objeto fóbico. Este significado complementar, patogênico provém de um conflito infantil inconsciente não resolvido. Em última instância, o Complexo de Édipo é o núcleo de toda neurose. A escolha da ponte não seria apenas casual, contudo, sua qualidade de depositário, a disponibilidade do objeto fóbico permanece como problema marginal e sempre no contexto dos disparates, principalmente dos sintomas (e na melhor das hipóteses, na expressão estética).

A cura da fobia se dá definitivamente, de acordo com o procedimento psicanalítico, na medida que se realiza a exata discriminação da ponte de seu excesso de carga significativa patológica. Por um lado, o objeto não significa nada mais além do que ele exatamente significa (uma ponte é uma ponte e nada mais). De outro lado estão os ingredientes subjetivos /projetivos que "enfeitam a essência inocente" do objeto. Assim fica garantido apenas o entendimento do simbolismo da coisa e, principalmente, como redução da dância patológica do sentido. Este "fora-diante" da objetividade, cuja noção se reduz à tautologia "uma ponte e nada mais", não leva somente ao engano, ela traz consigo a culpa relativa ao latente enfraquecimento da eficiência terapêutica da Psicanálise tradicional.

Em resumo, para o Pathognostik a afirmação dos ingredientes inconscientes suplementares como essência da culpa do não consumo, no exemplo do atravessar uma ponte, é falsa.

O argumento para a adequação da contra afirmação patognostica é: o que torna a ponte tão assustadora e intransponível para o fóbico, o que provoca nele esta ansiedade insondável que o deixa paralizado não é nenhum ingrediente subjetivo colocado na ponte. É, ao contrário, o sentido geral da ponte enquanto tal, faz parte dela objetivamente; é existencialmente ela

mesma. Como consequência desta contra-tese pode-se afirmar que o fóbico tem em conta, especificamente, o sentido geral da ponte; na verdade, afetiva e motoramente numa forma de envolvimento ainda por se apressar. É uma forma de contra saber, gnose por assim dizer, contra o saber normal e que na fobia parece especificamente traçado.¹⁰

OS PRESSUPOSTOS DO PATHGNOSTIK.

O Pathognostik parte de uma conhecida propriedade da doença, (especialmente psicopatologias e principalmente, como modelo, os sintomas neuróticos) a saber, que os sintomas se relacionam com situações do mundo externo. Esta relação é o centro das considerações patognosticas.

A relação do sintoma com a correspondente situação exterior é sempre arranjada de tal modo a conter uma indicação negativa que é o seu respectivo domínio. Uma determinada capacidade que está perturbada aponta, em seu funcionamento, para uma situação externa.

O primeiro pressuposto decisivo do Pathognostik é que esta perturbação, que vai definir a doença, deve ser tomada como fio condutor de um conhecimento não habitual da correspondente situação externa; que a perturbação pode constituir, no mínimo, o início da dissolução do conhecimento dissimulado desta objetividade: perturbação que não recai sobre o sujeito doente, como de hábito, mas sobre a situação objetiva (não visível) que o sujeito não pode dominar, lançando luz sobre ela.

¹⁰ HEINZ, R. Was ist Patho-gnostik? *Kaum*, 1:10-17, 1984; HEINZ, R. *Arbeitsblätter für Patho-gnostik. Die Eule*, (sondernummer Psychoanalyse):144-151, 1982; HEINZ, R. *Dialogue Interieur Über Pathognostik versus Psychoanalyse* (não publicado).

Mas até que ponto pode-se manter esse deslocamento da base da perturbação para o mundo externo? A resposta neste caso é possível a partir de um desvio, qual seja, o chamado significado inconsciente que a correspondente situação externa tem para o doente e cujo simbolismo não é mais considerado como ingrediente patológico desta mesma-completamente-outra objetividade aparente. Ao contrário, esse simbolismo é considerado exclusivamente como o próprio motivo de engendramento desta objetividade.

O segundo pressuposto do Pathognostik: o sintoma se opõe ao simples funcionar da situação externa que a ele está relacionada. A característica desta oposição, enquanto doença, está para ser discutida. Consta o que se opõe, nas mais diferentes situações, é à inconscientização daquele respectivo corte da realidade externa no que diz respeito ao seu caráter de violência e destruição, inclusive à inquestionabilidade de sua consumação (=autonomia do ego): doença como greve do uso, por assim dizer. Esta oposição se dá em nome da restituição ao sujeito sensível daquilo que na absolutização das situações externas foi sacrificado.

O terceiro pressuposto constitutivo do Pathognostik trata da qualidade da oposição na doença. Ela se realiza na forma de um sacrifício, na auto-experiência da lesão. Através deste caráter de sacrifício da doença, no mínimo é evitada a crença inquestionável da inconscientização que se absolutiza na correspondente situação externa a ela agregada e que culmina na arma. Mas esta inconscientização não é desfeita de tal maneira a ponto de desintegrar seu conteúdo, a questionável situação externa pois e por outro lado, do lado do subjetivo, a sensibilidade seria então liberada de modo positivo.

O quarto e último pressuposto do Pathognostik: na medida que a doença se manifesta e persiste, bloqueia tanto a passagem para a normalidade (macro-inconscientização, ego) como o inverso na sua reforma

(=conscientização que é, em última instância, a mencionada restituição). O caráter de sacrifício da doença acaba sempre na apropriação subjetiva da violência e da potência de destruição da correspondente objetividade: doença como tentativa de congenialização vá e subjetiva à violência de sua situação externa. Para ser possível o acesso prático pathognóstico à doença, deve ser necessário mediar adequadamente esses pressupostos sem levar em conta o conceito psicanalítico de transferência.¹¹

Como conclusão à apresentação deste trabalho que de modo algum é uma apresentação ("representação") completa do Pathognostik, pode-se dizer que este é também um procedimento terapêutico, não no sentido de diagnóstico e tratamento da doença; mas como "cominação impossível" da conscientização (evidenciação do complexo de Édipo) e normalidade que, contudo, não se realiza como a normalidade usual, como inconscientização (dissolução do complexo de Édipo).¹²

O que o Pathognostik concebe e seu respectivo procedimento não é somente aplicável às doenças, se bem que é aí que se torna especialmente clara a tentativa de se conhecer a objetividade concreta.

Os pressupostos do Pathognostik devem ser comprovados na prática. Mas para que isso seja possível, pathognosticamente falando, "seria necessário um ingresso intelectual, básico nestes pressupostos para se produzir realmente a correspondente experiência que, contudo, precisaria ser mais do que um simples reconhecimento".¹³

11 HEINZ, R. Was ist Patho-gnostik? *Kaum*, 1: 10-17, 1984; HEINZ, R. Arbeitsblätter für Patho-gnostik. *Die Eule*, 10: 134-138, 1983.

12 HEINZ, R. Dialogue Interieur Über Pathognostik versus Psychoanalyse (não publicado).

13 Id. Ibid.

Para finalizar e ao mesmo tempo ilustrar o que se reivindica na maioria das vezes que R. Heinz entra em cena, transcrevo o diálogo que se encontra no início de seu artigo intitulado Psychokitsch ¹⁴, onde ele desenvolve criticamente a temática da compreensibilidade e comunicabilidade, no contexto do trabalho interpretativo da Psicanálise.

"I. Tempestade num copo d'água.

Aconteceu em Kassel durante o 1º Simpósio sobre Psicanálise e Literatura, promovido pelo Centro Científico II da Escola Superior de Kassel a 7 de novembro de 1982, pela manhã:

A.M.:

...e eu me pergunto, nós que aqui estamos neste Simpósio para podermos conversar e nos entender, se é necessário proferir tais conferências, algumas já dificilmente compreensíveis e para mim foi principalmente esta do Sr. Heinz que já pressupõe que este diálogo não funciona (grifo meu). Eu me sinto mal verificar que neste encontro em algum lugar, alguma coisa se rompeu, onde eu me... (confusão no plenário).

Permitam-me dizer uma coisa: eu exijo da Ciência que ela desenvolva uma linguagem que estimule o processo de compreensão e não que o impeça e que ela deva ser passível de diálogo, que ela seja compartilhável." (aplausos).

R.H.:

"Isto é exatamente a contra-tese em relação a minha prática de pensar..." ... (confusão no plenário e no podium, conversas desencontradas..." 15

¹⁴ HEINZ, R. Psychokitsch. In: HORISCH, Jochen, & WINKELS, Hubert. Das schnelle Altern der neuesten Literatur. Düsseldorf, Claasse Verlag, 1985. p. 172-190.

¹⁵ Originalmente publicado em FRAG-MENTE: Schriftenreihe zur Psychoanalyse, organizado pelo Centro Científico II da Escola Superior de Kassel, Bd. 2/3, março, 1982, pp. 321 e seq.. A mencionada conferência: "Von der Depotenzierung der Hermeneutik und/oder der Psychopathologie. Franz Kafka: "Gespräch mit dem Beten" encontra-se na emenda, p.: 147-175.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEHRENDT, G. Von der Unmöglichkeit der Pathognostik. Kaum, (1): 24-29, 1984.
- HEINZ, R. Arbeitsblätter für Patho-Gnostik. Die Eule, (sondernummer Psychoanalyse), 144-151, 1982.
- _____. Arbeitsblätter für Patho-Gnostik. Die Eule, (10): 134-138, 1983.
- _____. Dialoge Interieur Über Pathognostik versus Psychoanalyse. (não publicado)
- _____. Minora aesthetica. Frankfurt am Main, Ten de Verlag, 1985.
- _____. Psychoanalyse und Kantianismus. Würzburg, Königshausen/Neumann, 1981.
- _____. Psychokitsch. In HORISCH, Jochen & WINKELS, Hubert. Das schnelle Altern der neuesten Literatur. Düsseldorf, Claassen Verlag, 1985. p. 172-190.
- _____. Taumel und Totenstarre: Vorlesungen zur Philosophie und Ökonomie. Münster, Lende Verlag, 1981.
- _____. Das "wilde Denken" Heidegger im Denk-Wildheits-vergleich mit Levi-Strauss. der herkömmlichen Psychoanalyse und auch der Anti Psychiatrie. Philosophisches Jahrbuch, 1. Halbband, 1985. p. 136.
- WETSMILLER, C. Die Angst des Schreibers vorm Lesen. Kaum, (1): 22, 1984.
- WITTGENS, W. Zum Pathognostischen Krankheitsbegriff. Kaum, (1) 18, 1984.